

MOÇAMBIQUE:

## Uma Crise Pós-Eleitoral e a Oportunidade Perdida para Uma Reforma Estrutural

- Após enfrentar a sua pior crise política pós-eleitoral, decorrente das eleições controversas de outubro de 2024, o presidente Daniel Chapo tomou posse no dia 15 de Janeiro como o quinto presidente da República de Moçambique. No entanto, esta cerimónia, planeada para ser um marco, foi marcada por um clima frio e sombrio, reflectindo a desconfiança generalizada e a tensão no país. Chapo, no seu discurso, prometeu uma lista extensa de reformas voltadas para melhorar o funcionamento do Estado, que ele considera a raiz dos problemas que perpetuam a pobreza em Moçambique.



## As Propostas de Chapo e a Resposta da Oposição

**D**aniel Chapo apresentou medidas focadas em reformas administrativas e no combate à corrupção, mas com um foco limitado a melhorias operacionais, sem propor mudanças estruturais significativas. Quase simultaneamente, Venâncio Mondlane, líder da oposição e das manifestações que marcaram os meses após as eleições, apresentou 100 medidas para os primeiros 100 dias de um possível governo-sombra. Ele também anunciou uma trégua de três meses nas manifestações, condicionando a sua suspensão definitiva ao atendimento das demandas propostas.

Embora o gesto de Mondlane pareça uma tentativa de reposicionar-se como um líder moderado e disposto ao diálogo, é evidente que o país enfrenta desafios muito além das disputas políticas de curto prazo. As manifestações violentas resultaram em mais de 500 mortes e deixaram um rastro de destruição institucional e socioeconómica. As posturas de Mondlane e Chapo, embora relevantes, não endereçam a crise de maneira que inspire uma refundação do Estado.



## A Falta de Reformas Estruturais

O que se percebe neste momento é que, mesmo após a crise profunda, não há um movimento claro em direcção a uma reforma estrutural do Estado moçambicano. Uma proposta amplamente defendida por diversos sectores seria a formação de um governo de unidade nacional, inspirado no modelo sul-africano do ANC, capaz de incluir diversas

perspectivas e promover reformas estruturantes. No entanto, Chapo optou por um governo convencional, moldado por critérios partidários e alinhado à Comissão Política do Partido Frelimo.

Entre as reformas estruturais esperadas, a descentralização aparece como um ponto central que foi completamente negligenciado. Cha-

po não propôs o fim de estruturas duplicadas, como os secretários de Estado nas províncias, que consomem recursos desnecessários. Além disso, o combate ao crime organizado, que domina a economia extractivista do país, foi tratado superficialmente, mesmo sendo este um dos maiores entraves ao desenvolvimento económico e à atracção de investidores.

### O Papel do Crime Organizado e a Captura do Estado

Moçambique enfrenta uma realidade em que o crime organizado exerce controle significativo sobre os recursos naturais e as instituições do Estado. Este domínio afecta directamente a segurança económica e social do país, resultando em sequestros frequentes e na perpetuação de uma economia extractivista controlada por interesses obscuros. A ausência de medidas concretas para enfrentar este problema demonstra a falta de vontade política para romper com um sistema que beneficia as elites corruptas ligadas ao partido no poder.

### Uma Oportunidade Perdida

Apesar de Chapo se apresentar como um líder com “novas ideias” para Moçambique, as suas acções até ao momento revelam apenas reformas cosméticas que não atacam os incentivos estruturais que sustentam a corrupção e o clientelismo. O controle da economia política pela Frelimo permanece intacto, limitando qualquer possibilidade de um debate genuíno sobre a refundação do Estado.

A crise que abalou Moçambique poderia ter sido um ponto de virada para o país. No entanto, as respostas apresentadas até agora indicam que esta oportunidade está sendo desperdiçada. A ausência de um plano concreto para uma reforma profunda e a manutenção do *status quo* sinalizam que o Estado continuará operando para servir os interesses de poucos, em detrimento do bem-estar colectivo.

### Conclusão

Daniel Chapo assumiu a presidência em meio a uma das crises mais graves da história recente de Moçambique. Contudo, a falta de ambição para implementar reformas estruturais e enfrentar os problemas de fundo deixa o país à mercê das mesmas dinâmicas que o levaram à crise actual. Sem um esforço significativo para descentralizar o poder, combater o crime organizado e construir instituições inclusivas, Moçambique corre o risco de perpetuar o ciclo de pobreza e instabilidade que tem marcado a sua trajectória política e económica.



*Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.*

*Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.*

**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

**Propriedade:** CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** André Mulungo  
**Autor:** CDD  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
 Telefone: +258 21 085 797

**Twitter:** CDD\_moz  
**E-mail:** info@cddmoz.org  
**Website:** http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

